



# SUSTENTABILIDADE VERSUS CAPITALISMO OU CAPITALISMO SUSTENTÁVEL? UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA TENDÊNCIA SECULAR

## Flavia Massuga\*

Universidade Estadual do Centro-Oeste

Mestranda do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário pela Universidade Estadual do Centro-Oeste; Possui graduação em Administração pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (2017).

## Sérgio Luis Dias Doliveira

Universidade Estadual do Centro-Oeste

Doutor em Administração pela Universidade Federal do Paraná (2013); mestre em Gestão Estratégica de Organizações pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2002). Atualmente é professor titular da Universidade Estadual do Centro-Oeste, em cursos de Graduação, Especialização e no Mestrado em Desenvolvimento Comunitário.

## Saulo Roberto Korocoski

Universidade Estadual do Centro-Oeste

Mestrando do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário pela Universidade Estadual do Centro-Oeste. Possui especialização em Docência Universitária pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (2015) e graduação em Administração pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (2013).

## Fábio José de Jesus

Universidade Estadual do Centro-Oeste

Mestrando do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário pela Universidade Estadual do Centro-Oeste. Possui graduação em História (2012) e Serviço Social (2016) pela Universidade Estadual do Centro-Oeste Unicentro.

## Luis Paulo Gomes Mascarenhas

Universidade Estadual do Centro-Oeste

Doutor em Saúde da Criança e do Adolescente pela UFPR (2010); mestre em Atividade Física e Saúde pela Universidade Federal do Paraná (2005). Professor do programa de mestrado em desenvolvimento comunitário com atuação em saúde, ambiente e qualidade de Vida.

## Raquel Dorigan de Matos

Universidade Estadual do Centro-Oeste

Pós-Doutoranda na Universidade Federal do Paraná-UFPR; Doutora em Administração pela Universidade Federal do Paraná-UFPR. Atualmente é professora Adjunto B da Universidade Estadual do Centro-Oeste-UNICENTRO.

## RESUMO

Diante das atuais crises ambientais e sociais, a sustentabilidade, pautada em uma vida ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, aparece como uma solução que exige transformações. No entanto, considerando o sistema capitalista baseado nos princípios da divisão de classes, propriedade privada e na busca por constante crescimento e acumulação, restam dúvidas sobre a sua capacidade de adquirir

---

\*Autor para correspondência / Author for correspondence / Autor para la correspondencia:  
Flavia Massuga - [flavia.massuga@gmail.com](mailto:flavia.massuga@gmail.com)

ou não conceitos sustentáveis. Devido a isso, este trabalho teve como objetivo analisar a relação existente entre a sustentabilidade e o capitalismo, compreendendo se consistem em fatores antagônicos ou se podem ser conciliáveis. Para tanto, foi realizada uma revisão sistemática nos bancos de dados do Portal de Periódicos da Capes; da Scientific Electronic Library Online (SciELO) e da ScienceDirect, a fim de obter a tendência secular dos trabalhos em relação à temática. Os resultados apontaram 12 artigos que atenderam aos objetivos estabelecidos, os quais, com exceção de um estudo, tendem para a necessidade de uma ruptura total do sistema capitalista devido a impossibilidade de conciliação com o conceito de sustentabilidade, apontando ainda novas direções para uma sociedade sustentável.

**Palavras-chave:** Sustentabilidade; Sistema capitalista; Antagonismo x conciliação.

## **SUSTAINABILITY VERSUS CAPITALISM OR SUSTAINABLE CAPITALISM? A SYSTEMATIC REVIEW OF SECULAR TREND**

### **ABSTRACT**

In the face of current environmental and social crises, sustainability, based on an environmentally correct, socially just and economically viable life, appears as a solution that demands transformations. However, considering the current capitalist system based on the principles of class division, private property, and the pursuit of constant growth and accumulation, there remain questions about its ability to acquire sustainable concepts. Due to this, this study aimed to analyze the relationship between sustainability and capitalism, understanding whether they consist of antagonistic or can be reconciled factors. Therefore, a systematic review in the databases of the Portal of Periodicals of Capes and Scientific Electronic Library Online (SciELO) was carried out in order to obtain the secular trend of the studies in relation to the theme. The results showed 12 articles that met the established objectives, which, with the exception of one study, tend to the need for a total rupture of the capitalist system due to the impossibility of conciliation with the concept of sustainability, pointing out new directions for a sustainable society.

**Key-words:** Sustainability; Capitalist system; Antagonism x conciliation.

## **SUSTENTABILIDAD VERSUS CAPITALISMO O CAPITALISMO SOSTENIBLE? UNA REVISIÓN SISTEMÁTICA DE LA TENDENCIA SECULAR**

### **RESUMEN**

Ante las actuales crisis ambientales y sociales, la sostenibilidad, pautada en una vida ambientalmente correcta, socialmente justa y económicamente viable, aparece como una solución que exige transformaciones. Sin embargo, considerando el sistema capitalista basado en los principios de la división de clases, propiedad privada y en la búsqueda de constante crecimiento y acumulación, quedan dudas sobre su capacidad de adquirir o no conceptos sostenibles. Debido a esto, este trabajo tuvo como objetivo

analizar la relación existente entre la sustentabilidad y el capitalismo, comprendiendo si consisten en factores antagónicos o si pueden ser conciliables. Para ello, se realizó una revisión sistemática en los bancos de datos del Portal de Periódicos de la Capes; de la Scientific Electronic Library Online (SciELO) y de ScienceDirect, a fin de obtener la tendencia secular de los trabajos en relación con la temática. Los resultados apuntaron 12 artículos que atendieron a los objetivos establecidos, los cuales, con la excepción de un estudio, tienden a la necesidad de una ruptura total del sistema capitalista debido a la imposibilidad de conciliación con el concepto de sostenibilidad, apuntando aún nuevas direcciones hacia una sociedad sostenible.

**Palabras clave:** Sostenibilidad; Sistema capitalista; Antagonismo x conciliación

## 1. INTRODUÇÃO

Há algum tempo o planeta vem sofrendo as consequências das ações humanas. Modificação do equilíbrio da biosfera, aquecimento global, escassez de água, contaminação de solos, rios e oceanos e a extinção de espécies constituem alguns dos exemplos que, se não mitigados, podem representar em breve o extermínio da vida na terra (Brito, 2017). A urgência de ações é apresentada pelo relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas da ONU, divulgado em outubro de 2018, o qual indica que, se as atuais tendências de emissões continuarem, a atmosfera terá sua temperatura aumentada em até 2,7 graus acima do nível encontrado na era pré-industrial, isso significaria regiões costeiras menos habitáveis, eventos climáticos extremos e com regularidade e dificuldades agrícolas (Fehrnstrom, 2018).

Além dos aspectos relacionados ao meio ecológico, questões como concentração de riquezas, injustiça, desigualdades sociais, condições laborais, formas de exploração e a insustentabilidade do sistema econômico-financeiro mundial também são observadas e refletem na qualidade da vida em sociedade (Boff, 2012; Nascimento, 2012).

Todas essas crises, são geralmente atribuídas ao crescimento econômico global e ao consumo em massa, os quais dependem da extração de recursos naturais sem precedentes (Jason, 2018) e são movidos por uma lógica capitalista de produção de valorização do capital (James & Cato, 2017). Desta forma, teóricos apontam para a necessidade de transformação tanto do sistema produtivo quanto dos valores e ideias predominantes na sociedade (Elkington, 2001; Altenburg & Pegels, 2012; Abramovav, 2012; Guttman, 2018; Bernal, Edgar & Burnes, 2018).

Essas transformações necessárias para uma vida ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, ganham suporte nos discursos de sustentabilidade, termo que representa a capacidade de sobrevivência dos seres humanos na sociedade, envolvendo uma reconfiguração institucional, social, econômica, política, ecológica, tecnológica e cultural a fim de garantir condições para atendimento das necessidades das atuais e futuras gerações (Fuchs, 2017).

Entretanto, apesar da ideia de sustentabilidade já se encontrar bastante legitimada (Barbieri, Vasconcelos, Andreassi & Vasconcelos, 2010) e difundida em abordagens de produção mais limpa, controle da poluição, gestão ambiental, ecoeficiência e responsabilidade social, por exemplo (Sartori, Latrônico & Campos, 2014), há dúvidas sobre sua relação com o capitalismo e conseqüentemente quais rumos as mudanças deverão tomar a fim de realmente adquirir um aspecto de sustentabilidade.

De um lado, teóricos afirmam a necessidade de uma ruptura total da ordem capitalista, julgando-a, independente de uma reconfiguração, como a responsável por

causar os principais problemas ambientais e sociais que emanam na sociedade (Kovel, 2007; Wallis, 2010; Escobar, 2015; Apostolopoulou & Adams 2015; Smith, 2016). De outro, há aqueles que acreditam ser possível uma reconfiguração do próprio capitalismo rumo a um caminho sustentável, representado muitas vezes nas várias vertentes do capitalismo natural ou capitalismo verde (Hawken, Lovins & Lovins, 1999; Abramovav, 2012; Guttman, 2018). Diante disso, a questão que permanece é: afinal, o sistema capitalista pode ser sustentável?

Desta forma, considerando a presente discussão, este estudo teve como objetivo central analisar, por meio de uma revisão sistemática, considerando o quadro de pesquisas atual (últimos 10 anos), a relação entre a sustentabilidade e o capitalismo, compreendendo se consistem em fatores antagônicos ou se podem ser conciliáveis. Apresenta-se inicialmente um breve referencial teórico sobre o sistema capitalista e o novo paradigma da sustentabilidade em meio as condições contemporâneas. Na sequência, ocorre a exposição da metodologia utilizada, seguida pelos principais resultados e discussões que apontam a direção das pesquisas sobre a temática.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1. Capitalismo: uma perspectiva expositiva

O sistema capitalista, definido como um modo de vida econômico em que as pessoas criam e aplicam bens de capital na produção de bens e serviços (Butler, 2018), tem sua origem na transição de uma econômica feudal para uma nova racionalidade de expansão dos mercados e de crescente mercantilização da vida econômica (Wood, 2001). O capitalismo mercantil ou comercial, fruto das grandes navegações e da revolução comercial ocorridas entre o século XIV e o XVIII, representa a primeira fase do sistema capitalista, na qual ocorre a emergência da classe média burguesa. Com o movimento da revolução industrial entre os séculos XVII e XVIII, o sistema capitalista entra em seu estágio “desenvolvido”, fase conhecida como capitalismo clássico, que estrutura a ordem sociometabólica das sociedades desenvolvidas (Proni, 1997; Bresser-Pereira, 2011).

Conforme Hall e Soskice (2001) e Favotto, Kollman e Bernhagen (2016), o capitalismo se constitui sob dois arranjos institucionais diferentes, sendo: economias de mercado liberais (LME) e economias de mercado coordenadas (CME), os quais se distinguem pelo grau em que dependem de coordenação mercantil ou não-mercantil. No primeiro ambiente, as relações capitalistas dependem em grande parte do mercado para regular as relações econômicas e o Estado desenvolve um papel limitado no controle das relações e fornecimento de bens públicos. Por outro lado, nas economias de mercado coordenadas, o Estado e os principais atores sociais são agentes que administram as relações econômicas fora dos mercados competitivos e realizam negociações consensuais

entre capital e trabalho. Apesar de ambientes institucionais distintos, as características intrínsecas ao sistema capitalista estão presentes em ambos os casos.

Segundo Havey (1992), com a passagem para o sistema capitalista, mudanças ocorreram nas inter-relações, hábitos, práticas e formas culturais, a partir de uma linguagem racional-utilitária que organiza a vida social para a produção em função da expansão e acumulação do capital. Pode-se dizer, portanto, que o capitalismo é um sistema econômico, fruto de um determinado contexto socioeconômico específico e que se transformou ao longo dos dois últimos séculos e meio, sofrendo também uma profunda institucionalização de relações sociais que permeiam o convívio social (Machado-da-Silva; Fonseca & Crubellate, 2005).

Nessa linha, o sistema capitalista passa a disseminar um modo de produção fundado na acumulação e orientado para fins de troca lucrativa onde estão presentes uma burguesia industrial e um proletariado urbano (Proni, 1997, Wood, 2001). Brito (2017) destaca que o capital é o principal objetivo a ser alcançado, tornando-se um dos fatores onipresentes na sociedade que influencia as esferas econômicas, sociais e culturais. E, para que esse objetivo seja atingido, a dinâmica da sociedade capitalista contemporânea baseia-se essencialmente no ciclo econômico da produção, distribuição e circulação de mercadorias, pelo estímulo do consumo. O consumo, portanto, é uma das principais forças motrizes do sistema capitalista que faz parte da lógica de produção e possui um caráter programado e orientado para atender aos interesses do capital (Almeida, 2016).

Além de prezar pelo lucro/acumulação, o capitalismo está associado aos princípios da propriedade privada. Neste caso, os direitos de propriedade e regras de como a propriedade pode ser adquirida, protegida, usada ou cedida, regulam as transações e permitem maior confiança no emprego de capital em bens produtivos (Butler, 2018). Assim, a ideologia capitalista enfraquece, de certo modo, a noção de bem comum ou comunidade, visto que, a busca infundável do capitalista é pela apropriação, sob a forma de direito exclusivo (Comparato, 2011).

A competição e a liberdade econômica são outras características intrínsecas ao sistema. Segundo Elkington (2001), no sistema capitalista, os proprietários individuais de capital são relativamente livres para dispor dele da maneira que quiserem e, em particular, para seus próprios interesses. Entretanto, as empresas capitalistas individuais e os estados estão em constante pressão para competir uns contra os outros e caso falhem nessa competição, ou seja, na alocação do capital, colocam em risco a própria sobrevivência (Li, 2009).

Embora seja amplamente reconhecido o fato de que o crescimento econômico, baseado em instituições capitalistas, reduziu a pobreza e elevou a padrão de vida no mundo ocidental (Matutinovic, Salthe & Ulanowicz, 2016), muitas foram as críticas dirigidas ao modo de organização do sistema capitalista e, dentre elas, encontra-se a

exploração do capital sobre o trabalho. Segundo Vizeu, Meneghetti e Seifert (2012) o capitalista paga em forma de salário pelo trabalho em função da demanda de mão de obra disponíveis para serem exploradas. Marx (1982) trata essa exploração utilizando o termo *mais-valia*, que se refere ao excedente do trabalho que permite ao empregador adquirir capital e criar riquezas utilizando do esforço físico e mental do empregado.

Outras questões apontadas estão relacionadas às desigualdades sociais provocadas pela divisão de classes (proletariado/burguesia) (Harris, 2010; James & Cato, 2017) e à insustentabilidade do sistema, baseada numa lógica de produção constante de acumulação diante de recursos naturais finitos (Patterson, 2010; Matutinovic *et al.*, 2016; Brito, 2017).

Em relação à segunda questão, vertentes do capitalismo verde surgiram a fim de tentar minimizar os efeitos colaterais dos princípios capitalistas no meio ambiente. Consoante Tienhaara (2014) o capitalismo verde e suas derivações, tais como eco-capitalismo ou capitalismo natural, podem se apresentar de diversas formas, sendo: 1. Novos negócios verdes pautados no não crescimento, no investimento em tecnologias renováveis e eficientes visando a redução do consumo, negociação de carbono e na regulação e redução do setor financeiro; 2. Estímulo verde baseado em crescimento verde, investimento em energias renováveis, captura e armazenamento de carbono, no qual o papel chave reside na precificação e negociação de carbono; e 3. Economia verde cujo foco está centrado no crescimento verde, no investimento em energias renováveis, eficiência nuclear, gestão agrícola e de resíduos e tem como principal característica, além da precificação do carbono a precificação do capital natural.

Ao integrar os objetivos ecológicos aos objetivos econômicos (Hawken *et al.*, 1999), constata-se que as definições de capitalismo verde e suas derivações foram criadas, portanto, a fim de corresponder e adequar o capitalismo as críticas ambientais e atender ao conceito de sustentabilidade já legitimado no contexto social, entretanto sem descaracterizar o sistema e seus principais elementos constitutivos.

## 2.2.0 novo paradigma da sustentabilidade

A ideia de crescimento econômico predominou por um bom tempo na visão de economistas como sinônimo de desenvolvimento. Somente no final da década de 60, devido à percepção de uma crise ambiental, causada por questões como a poluição nuclear, uso de pesticidas e inseticidas químicos, que se deu início à reflexão sobre a relação do crescimento com o meio ambiente (Nascimento, 2012). Nesse contexto, duas visões foram instauradas: a primeira, baseada no Relatório do Clube de Roma, é representada por aqueles que apontavam para os limites do crescimento, justificando a necessidade de um crescimento zero para salvar o planeta. Por outro lado, haviam aqueles que afirmavam que a problemática ambiental foi inventada por países desenvolvidos a fim de frear a ascensão dos países subdesenvolvidos (Claro, Claro &

Amâncio, 2008). Independente das visões, o início da discussão sobre a problemática, fez com que a preocupação em relação ao meio ambiente ganhasse forma na sociedade.

De acordo com Giovannoni e Fabietti (2014), durante a década de 1970 a sustentabilidade estava exclusivamente centrada em questões ambientais e um marco importante nessa direção foi a realização da Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano em 1972 na cidade de Estocolmo, a qual apontou para a interdependência entre o crescimento e o meio ambiente e desenvolveu 26 princípios voltados principalmente à preservação ambiental.

Na década de 1980, além do aspecto ambiental, outras questões passaram a fazer parte das preocupações como as políticas de segregação racial do Apartheid e a nova doença que emergia: a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). Essas questões contribuíram para a formação da Comissão Brundtland em 1987 a fim de propor estratégias para melhorar o bem-estar humano sem ameaçar o meio ambiente (Blackburn, 2007). Foi a partir dessa comissão que surgiu o conceito mais difundido de desenvolvimento sustentável divulgado no relatório *Our Common Future*, sendo compreendido como aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer suas próprias necessidades (CMMAD, 1991). Nasce, a partir de então, a noção da dimensão social da sustentabilidade, que passa a compreender que a pobreza está relacionada aos impactos ambientais e, devido a isso, a sustentabilidade deve envolver questões de equidade social e qualidade de vida para as atuais e futuras gerações (Nascimento, 2012).

Fortalecendo essa ideia, em 1992 foi realizada a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento no Rio de Janeiro, conhecida como Rio-92, na qual foram criados 27 princípios fundamentais a fim de estabelecer uma parceria global de respeito ao interesse de todos e à integridade do meio ambiente (Blackburn, 2007; Fuchs, 2017). Com o objetivo de renovar esse compromisso, por meio da avaliação do progresso e das lacunas na implementação das decisões adotadas nas cúpulas anteriores, a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento foi novamente realizada no Rio de Janeiro em 2012, ficando conhecida como Rio+20 (Froehlich, 2014).

Mais recentemente, em 2015, líderes mundiais se reuniram na sede da ONU, em Nova York para discutir ações de promoção ao desenvolvimento sustentável e à erradicação da pobreza. Esse encontro resultou no documento intitulado “Transformando Nosso Mundo: A Agenda 30 para o Desenvolvimento Sustentável”, o qual contém um conjunto de 169 metas e 17 objetivos a serem alcançadas pelas nações até 2030 (Barbosa & Jereissati, 2017).

Apesar de popularmente difundida, a definição elaborada pela Comissão Brundtland em 1987 não é exclusiva. Muitos foram os conceitos desenvolvidos sobre a temática causando até mesmo certa confusão conceitual, porém, observa-se que o



ponto comum entre eles está nas dimensões que compõe o termo sustentabilidade (Claro *et al.*, 2008). Essas dimensões foram abordadas inicialmente por John Elkington em 1997 no conceito popularmente conhecido como Triple Botton Line (TBL), o qual considera três pilares essenciais para o alcance da sustentabilidade, sendo: o econômico, o ambiental e o social (Elkington, 1997). Nessa perspectiva, o desenvolvimento sustentável não pode ser alcançado, por meio de iniciativas isoladas, mas requer um esforço integrado que considere todos os níveis (Giovannoni & Fabietti, 2014).

A sustentabilidade econômica está associada à economia formal e atividades informais que geram empregos para indivíduos e aumentam a renda monetária e o consequente padrão de vida. Pode ser alcançada pela alocação eficiente de recursos e por mudanças nos atuais mecanismos de investimentos públicos e privados (Claro *et al.*, 2008). Também é necessário que se considerem fatores como a queda de barreiras protecionistas entre nações, a dificuldade de acesso a tecnologias e as desigualdades de renda evidenciadas em várias partes do mundo (Froehlich, 2014).

O pilar ambiental refere-se ao capital natural em seu sentido mais amplo (Fischer, Brettel & Mauer, 2018). Supõe preservação e manutenção dos ecossistemas, por meio de um modelo de produção e consumo que sejam compatíveis com o meio natural. Em outras palavras, envolve a garantia de autorreparação ou capacidade de resiliência dos ecossistemas (Nascimento, 2012).

Por sua vez, a sustentabilidade social atenta-se a questões relativas a qualidade de vida que as pessoas têm acesso (Lorenzetti, Cruz & Ricioli, 2008). Fatores que fazem parte desse pilar referem-se a maior equidade na distribuição de renda e melhorias na saúde pública, na educação e nas oportunidades de emprego, por exemplo (Froehlich, 2014; Fischer *et al.*, 2018).

Considerando a multidimensionalidade do tema representada pelo equilíbrio entre aspectos econômicos, ecológicos e sociais, e a urgência de ação, tendo em vista as crescentes preocupações com mudanças ambientais e climáticas, juntamente com questões de disparidades sociais (Giovannoni & Fabietti, 2014), teóricos consideram a necessidade de mudanças efetivas e até mesmo a quebra de atuais paradigmas presentes na sociedade a fim de atingir padrões sustentáveis.

Engelman (2013) destaca que fazer as coisas um pouco melhores para o meio ambiente não é suficiente para a estabilização ecológica, necessária para a sobrevivência humana. Em sua visão, apenas mudanças muito maiores que alterem a direção rumo à segurança para todas as espécies do universo levarão a verdadeira sustentabilidade. Fuchs (2017) indica que os caminhos para a sustentabilidade envolvem uma reconfiguração em vários aspectos da vida em sociedade, sendo o institucional, social, econômico, político, ecológico, tecnológico e cultural. A questão cultural também é destacada por Assadourian (2013). Segundo o autor, as culturas - normas e valores compartilhados - guiam as escolhas, entre elas o consumismo, um padrão

cultural instituído por líderes empresariais e governamentais que se tornou um paradigma dos últimos séculos. Devido a isso, por atualmente pautar-se em bases depredatórias, o redesenho cultural é visto como alternativa para uma civilização humana mais sustentável. Por sua vez, Altenburg e Pegels (2012) destacam ser necessária a mudança total de paradigma no campo tecnológico para uma direção às inovações sustentáveis e não apenas incrementais ou fim de linha.

Não há dúvidas que mudanças considerando os três pilares são fundamentais e que o século XXI realmente representa uma onda importante da sustentabilidade, conforme destacado por Elkington (2001). Entretanto, questionamentos ainda permeiam o escopo necessário à essas mudanças para realmente atingir a sustentabilidade, principalmente considerando a lógica capitalista presente na ordem econômica e cultural da sociedade.

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Este estudo refere-se a uma revisão sistemática da literatura que consiste em um tipo de investigação pautada em uma questão específica, visando identificar, selecionar, avaliar e sintetizar as evidências disponíveis, tendo nos estudos primários sua fonte de dados (Galvão & Pereira, 2014). A fim de proporcionar maior validade à pesquisa, foram seguidas as orientações do trabalho de Sampaio e Mancini (2007) quanto a estrutura da revisão de literatura, devendo conter uma pergunta clara, a definição da estratégia de busca, o estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão, bem como, uma análise criteriosa da qualidade da literatura selecionada.

#### **3.1. Estratégia de pesquisa**

A questão orientadora consiste em: “O sistema capitalista pode ser sustentável? Como estratégia de busca para seleção de estudos, foram consultadas bases de dados com conteúdo abrangência incluindo o Portal de Periódicos da Capes; a Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e a base de dados ScienceDirect. Para extrair os estudos que se direcionavam ao tema, foram utilizados os seguintes descritores em português e em inglês: sustentabilidade, desenvolvimento sustentável, verde, capitalismo, sustainability, sustainable development, green e capitalism. A descrição booleana foi utilizada para a combinação dos termos selecionados, cujos operadores lógicos correspondiam a “ou-or” e “e-and”. A fim de aumentar a sensibilidade da pesquisa, a busca se restringiu ao período dos últimos 10 anos (2008-2018) e foram aplicados os filtros para título, resumo e palavras-chaves e selecionado como critério “apenas artigos”.

#### **3.2. Critérios de eleição**

Após a identificação dos artigos, por meio da estratégia de busca inicial e realizado uma filtragem com base nos títulos, os mesmos foram avaliados independentemente por três autores, seguindo os seguintes critérios:

- Critérios de inclusão: a) estar diretamente relacionado ou apresentar resultados que indiquem uma posição a respeito da relação entre o capitalismo e a sustentabilidade; b) corresponder à trabalhos completos publicados em periódicos indexados.
- Critérios de exclusão: a) artigos duplicados; b) estudos que tratam sobre os tipos de capitalismo; c) qualquer documento que não corresponda a forma e estrutura de artigo científico; d) artigos que se voltam à crítica do conceito de desenvolvimento sustentável / sustentabilidade.

### 3.3. Análise da qualidade da literatura selecionada

Após passados pelos critérios de inclusão e exclusão os artigos foram selecionados criticamente com base no índice de ordenação InOrdinatio descrito no Methodi Ordinatio. De acordo com Pagani, Kovaleski e Resende (2015), o índice é utilizado para a ordenação dos artigos, considerando o número de citações, o fator de impacto da revista e o ano de publicação e é representado pela seguinte equação:

$$\text{InOrdinatio} = (F_i / 1000) + \alpha^* [10 - (\text{AnoPesq} - \text{AnoPub})] + (\sum C_i)$$

### 3.4. Resultado da seleção de estudos

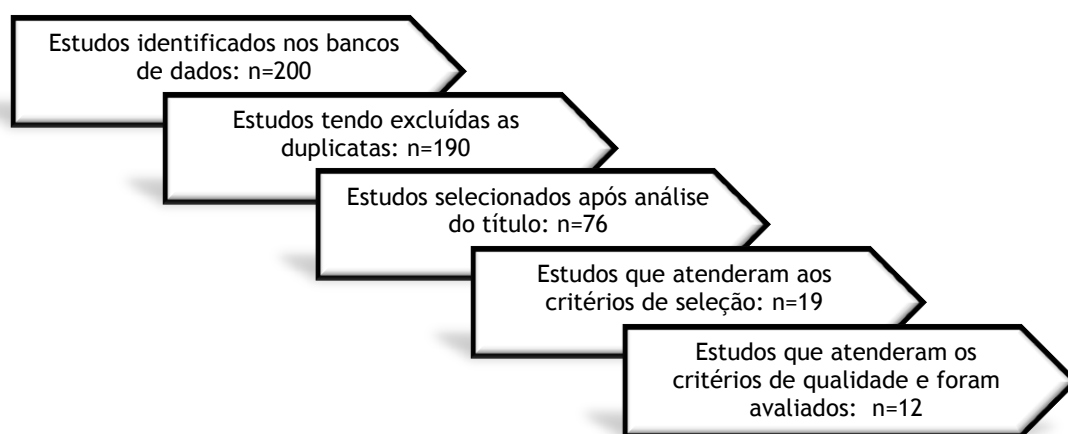
As buscas resultaram em um total de 200 artigos (Portal de Periódicos da Capes: 109, Scielo: 13, SciencDirect: 78). Com o auxílio do programa Zotero, 10 artigos foram removidos por duplicata. Após a leitura dos títulos, foram selecionados 76 trabalhos e, destes, com base nos resumos, 19 artigos atenderam aos critérios de inclusão. Na aplicação do método InOrdinatio para avaliação da qualidade dos artigos, atribuiu-se para  $\alpha^*$  o fator de ponderação 2, visto que a relevância do período de publicação já foi considerada durante a seleção dos artigos (últimos 10 anos). Além disso, um maior fator de ponderação para a variável ano comprometeria a avaliação dos artigos anteriores à 2013, os quais também possuem relevância tendo em vista os demais fatores analisados. Considerando os resultados apresentados, o valor de referência para a inclusão dos artigos na análise correspondeu ao primeiro quartil do maior valor obtido (> 15,95). Ao final da análise da qualidade dos trabalhos, 12 estudos satisfizeram os objetivos da pesquisa e foram avaliados (Quadro 1). O percurso metodológico pode ser observado na Figura 1.

#### Quadro 1.

Avaliação da qualidade dos artigos com base no índice de ordenação InOrdinatio.

Or.	Autor(es) / Ano	Título	I.O.
1	Mathews, 2011	Naturalizing capitalism: the next great transformation	63,802
2	Li, 2009	Capitalism, climate change and the transition to sustainability: alternative scenarios for the US, China and the World	33,353
3	Steinberg, 2010	Can capitalism save the planet?: on the origins of green liberalism	32
4	Singer, 2010	Eco-nomics: are the planet-unfriendly features of capitalism barriers to sustainability?	29,789
5	Kendall, 2008	Personae and natural capitalism: negotiating politics and constituencies in a rhetoric of sustainability	27,414
6	Liodakis, 2010	Political economy, capitalism and sustainable development	26,789
7	Harris, 2010	Going green to stay in the black: transnational capitalism and renewable energy	22,404
8	Euler, 2018	The commons: a social form that allows for degrowth and sustainability	20
9	Brito, 2017	Capitalismo, meio ambiente e bioética: é possível alcançar a sustentabilidade?	18
10	James; Cato, 2017	A green post-capitalist alternative to a system of accumulation: a bioregional economy	18
11	Schweickart, 2010	Is sustainable capitalism possible?	18
12	Baer, 2016	Climate change mitigation, environmental sustainability, and social parity: green capitalism or an alternative world system?	17,743

Fonte: Elaboração própria.



**Figura 1.** Percurso metodológico da seleção de artigos.

Fonte: Elaboração própria.

Os artigos elegíveis foram lidos e as informações relevantes foram extraídas e alocadas em categorias para análise. Em seguida efetuou-se uma descrição dos trabalhos selecionados a fim de compreender as semelhanças e distinções, bem como, as evidências existentes.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme o objetivo definido, 12 estudos que tratam sobre a relação e a possibilidade de conjugação ou não do capitalismo e a sustentabilidade, foram avaliados. A análise resultou nas seguintes informações, expostas na Tabela 1.

**Tabela 1.**

Resumo das informações observadas nos estudos selecionados.

Autores/ Ano	Periódico	Objetivos	Metodologia	Principais Resultados	Posicionamento Sus. / Cap.
Mathews, 2011	Futures	Esboçar um relato de como o capitalismo industrial pode ser "naturalizado", de modo que continue a crescer e proporcionar melhorias na qualidade de vida sem destruir a base de recursos da humanidade.	Pesquisa Bibliográfica e Documental	É possível que o capitalismo global coexista com seus limites naturais a partir da economia verde, prezando por fontes de energia renováveis. Uma economia circular em que os resíduos de um produtor se tornam insumos de outro produtor é idealizada. Acredita-se em um capitalismo incorporado a seu ambiente ecológico, impulsionado pela demanda por produtos "verdes" e por investimentos em sistemas de produção mais limpa.	<u>Capitalismo Sustentável</u> Crescimento econômico pode continuar, mas a pegada ecológica dessa atividade econômica deve ser acomodada dentro dos limites do mundo físico finito.
Li, 2009	Development and Change	Avaliar as questões geopolíticas e técnicas envolvidas na estabilização do clima e discutir caminhos técnicos alternativos para as emissões de poluentes.	Pesquisa Bibliográfica e Documental	Não há cenários em que a estabilização climática seja compatível com um ritmo de acumulação de capital. É impossível que as atividades econômicas humanas tenham impacto zero no meio ambiente. Desta forma, a economia global precisa parar de crescer imediatamente se houver esperança de alcançar a estabilização climática.	<u>Sustentabilidade</u> X <u>Capitalismo</u> Mudança para uma sociedade pós-capitalista.
Steinberg, 2010	Radical History Review	Entender como o liberalismo verde entrou em voga, delimitando ponderações críticas sobre o assunto.	Pesquisa Bibliográfica	O liberalismo verde é a força motriz por trás do novo tipo de consumismo e, na sua lógica, o indivíduo é responsável pelo resíduo por ele gerado. A ideologia do liberalismo verde representou a mudança política e cultural que gerou uma filosofia ambiental construída no mercado deixando de abordar os problemas estruturais da ordem	<u>Sustentabilidade</u> X <u>Capitalismo</u> A sustentabilidade não é possível dentro da atual dinâmica do mercado.

Autores/ Ano	Periódico	Objetivos	Metodologia	Principais Resultados	Posicionamento Sus. / Cap.
Singer, 2010	Sustainability	Examinar os aspectos econômicos, ambientais e sociais do capitalismo que se colocam como barreiras significativas à sustentabilidade.	Pesquisa Bibliográfica e Documental	econômica capitalista.  O desenvolvimento sustentável na lógica capitalista é uma formulação de novas medidas de crescimento que colocam valor econômico sobre o capital natural. O crescimento sustentável é alcançado, por meio de mecanismos neoliberais de mercado e complementado por medidas de reciclagem e de conservação. Isso não significou uma ruptura com as práticas do passado, mas uma continuação do capitalismo prevalecente.	<u>Sustentabilidade</u> X <u>Capitalismo</u> Transcendência do capitalismo para o ecossocialismo democrático
Kendall, 2008	Environmental Communication	Estabelecer críticas ao capitalismo natural, concebido como resposta ao antagonismo da produção capitalista e ideologia da sustentabilidade.	Pesquisa Bibliográfica	O capitalismo natural é retórico, pois procura usar um discurso persuasivo quanto sua capacidade de conceber uma sociedade sustentável. Entretanto, na prática, não supera as contradições e injustiças do capitalismo, colocando a sociedade civil e as classes não proprietárias em situação marginalizada, tendo seus interesses satisfeitos apenas se estiverem alinhados com capitalistas e tecnocratas já dominantes.	<u>Sustentabilidade</u> X <u>Capitalismo</u> Necessária uma concepção mais justa de sustentabilidade.
Liodakis, 2010	Sustainability	Discutir sobre o impacto do modo de produção na relação sociedade e natureza; Comparar a economia ortodoxa com a economia política Marxista; Expor as características do capitalismo e as causas da crise ecológica; Apresentar requisitos sociais para um desenvolvimento sustentável.	Pesquisa Bibliográfica	O modo capitalista de produção não garante as condições de sustentabilidade. A propriedade privada leva a uma exploração excessiva dos recursos naturais; a obsessão por crescimento superexplora a força de trabalho e esgota os recursos. Por subestimar o custo, o capital tende a expandir suas atividades exaurindo recursos, poluindo e externalizando custos à sociedade. É necessário a transcendência desse modo de produção para uma trajetória socialista/comunista que elimine a noção de propriedade, valor de	<u>Sustentabilidade</u> X <u>Capitalismo</u> Sugere uma alternativa socialista / comunista que transcende o capitalismo.

SUSTENTABILIDADE VERSUS CAPITALISMO OU CAPITALISMO SUSTENTÁVEL? UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA TENDÊNCIA SECULAR

Autores/ Ano	Periódico	Objetivos	Metodologia	Principais Resultados	Posicionamento Sus. / Cap.
				troca e a divisão social do trabalho.	
Harris, 2010	Race & Class	Discutir a possibilidade do capitalismo verde ser sustentável, baseando-se nos exemplos das indústrias de energia solar e energia eólica.	Pesquisa Bibliográfica e Documental	Embora resolva temporariamente conflitos na questão ambiental, por meio do redesenho da produção, o capitalismo verde falha ao não resolver a contradição entre o trabalho e capital. Pela necessidade de lucros, os movimentos em direção a racionalização econômica e a exploração do trabalho não podem ser resolvidos. Além disso, devido ao seu dogma econômico setores capitalistas são incapazes de planejar a longo prazo investimentos para construir uma economia sustentável.	<u>Sustentabilidade</u> X <u>Capitalismo</u> Aponta para a necessidade de uma estratégia transformadora de luta pela justiça social e ambiental
Euler, 2018	Capitalism Nature Socialism	Compreender quais são os fundamentos estruturais do crescimento econômico nas sociedades capitalistas e o que poderia ser uma alternativa potencial que permita o decrescimento.	Pesquisa Bibliográfica	O capitalismo é uma forma de sociedade estruturalmente insustentável, pois tem a necessidade de uma produção de valor sempre crescente. É fundamental uma transformação social pautada nos bens comuns, cujos princípios correspondem à voluntariedade, solidariedade, autonomia, satisfação das necessidades e decrescimento.	<u>Sustentabilidade</u> X <u>Capitalismo</u> Os bens comuns são considerados a base de uma sociedade sustentável.
Brito, 2017	Revista Espaço Acadêmico	Realizar uma reflexão acerca da possibilidade ou não de um desenvolvimento sustentável dentro da ideologia capitalista, e argumentar sobre a necessidade de promover discussões éticas na economia e nas análises	Pesquisa Bibliográfica	As características do capitalismo (produção intensiva, consumo em massa, exclusão social), é incompatível com a sustentabilidade. Devido a lógica do capitalismo ser amparada pelo consumismo e imediatismo da própria sociedade, vê-se como necessário o pensamento ético que reflita sobre o papel do ser humano no	<u>Sustentabilidade</u> X <u>Capitalismo</u> Necessário pensamento bioético para mudar a ordem vigente.

Autores/ Ano	Periódico	Objetivos	Metodologia	Principais Resultados	Posicionamento Sus. / Cap.
		ambientais, com ênfase na bioética.		meio ambiente e suas interações com todos os seres vivos, buscando a noção de responsabilidade e solidariedade, o que pode ser também chamado de bioética.	
James; Cato, 2017	Capitalism Nature Socialism	Explorar a acumulação de capital como o motor do modo de produção capitalista e apresentar uma alternativa pós-capitalista, baseada na economia verde e na economia marxiana, isto é, aplicada em nível local e regional.	Pesquisa Bibliográfica	O capitalismo, mesmo que reformado, não é sustentável, visto que o princípio de acumulação desse sistema é responsável por danos socioeconômicos e ambientais. Devido a isso, a economia biorregional, pós-capitalista e pós-acumulativa, baseada na economia verde e marxiana e aplicada em nível local e regional, é apresentada como alternativa. As biorregiões seriam entidades auto-suficientes com economia centrada na suficiência e não no crescimento, onde os recursos locais não seriam expropriados para alimentar o lucro de atores externos.	<u>Sustentabilidade</u> <u>X</u> <u>Capitalismo</u> Transcendência do modelo capitalista para uma alternativa econômica (economia biorregional).
Schweickart, 2010	Social and Behavioral Sciences	Avaliar criticamente duas perspectivas: 1. A afirmação de que é impossível o capitalismo sustentável. 2. Alegação no capitalismo natural de que o capitalismo é compatível com a sustentabilidade.	Pesquisa Bibliográfica	Os problemas ambientais não estão desvinculados dos problemas sociais, os quais são frutos da ordem econômica vigente capitalista. As reformas para a sustentabilidade devem ir além do capitalismo, e uma economia democrática, no qual o trabalho, os mercados de bens e serviços e os mercados financeiros são reconfigurados, consiste em uma alternativa.	<u>Sustentabilidade</u> <u>X</u> <u>Capitalismo</u> Mudança do sistema capitalista para uma alternativa econômica/socialista democrática.
Baer, 2016	Human Ecology	Compreender se a solução para as mudanças climáticas, sustentabilidade ambiental e paridade social reside no capitalismo verde ou é necessário um sistema alternativo mundial	Pesquisa bibliográfica	O sistema capitalista tem que ser descartado para desenvolver um sistema alternativo baseado na paridade social e justiça, processos democráticos, sustentabilidade ambiental e um clima seguro. O capitalismo possui contradições que devem ser transcendidas se a humanidade e a vida no planeta quiserem persistir de forma	<u>Sustentabilidade</u> <u>X</u> <u>Capitalismo</u> Capitalismo como um sistema insustentável que deve ser superado.



Autores/ Ano	Periódico	Objetivos	Metodologia	Principais Resultados	Posicionamento Sus. / Cap.
sustentável.					

Fonte: Elaboração própria.

As crises ambientais e sociais que permeiam a sociedade são em grande parte atribuídas ao crescimento econômico global e ao modo atual de produção que depende da extração intensiva de recursos naturais e estimula o consumo em massa em uma lógica puramente capitalista (Jason, 2018; James & Cato, 2017). Mudanças são vistas como necessárias a fim de promover a sustentabilidade e garantir as condições dignas de sobrevivência no planeta. Entretanto, apesar de todo escopo existente sobre as práticas que podem ser adotadas, questiona-se se o sistema no qual o homem vive atualmente, acusado por ser uma das principais causas dos problemas, é compatível com a sustentabilidade (Brito, 2017).

Dentre os trabalhos selecionados que abordam essa temática, observa-se que apenas o estudo de Mathews (2011) é favorável a uma conciliação entre a sustentabilidade e o capitalismo. Segundo o autor, é possível que o capitalismo, sob uma economia verde, coexista com seus limites naturais. Isso seria viabilizado, por meio do investimento em novas fontes de energias renováveis e por um sistema de recirculação e reciclagem de materiais. Além disso, destaca que a superação do antigo setor de combustíveis fósseis será possível pelo crescimento da demanda por produtos “verdes”, bem como, pela preparação das organizações capitalistas para fazer investimentos em sistemas de produção a fim de atender a essa demanda antecipada.

Autores como Hawken et al. (1999); Abramovay (2012); Newton e Canterello (2014) e Guttman (2018) corroboram com essa visão e acreditam ser possível uma reconfiguração do atual sistema capitalista a fim de alcançar a sustentabilidade por meio das vertentes do capitalismo verde.

Para Hawken *et al.* (1999), o capitalismo natural tem por intuito integrar os objetivos ecológicos aos objetivos econômicos, produzindo novos modelos de negócios que emanam benefícios ambientais. Segundo os autores, o capitalismo natural combina quatro princípios que inter-relacionados levam à sustentabilidade, sendo: a utilização de recursos de 10 a 100 vezes mais produtivamente; o redesenho da produção em linhas biológicas sem desperdícios e sem toxicidade; a mudança do modelo de negócios, da venda de mercadorias e de serviços para atender necessidades; e o reinvestimento de lucros no capital natural a fim de que possa produzir rendimentos bióticos constantes.

A transição para a economia verde também é apontada por Abramovay (2012) como uma alternativa a não viabilidade da ideia de crescimento sem limites diante da finitude dos recursos naturais. Segundo o autor, duas mudanças são decisivas no relacionamento da sociedade com a natureza. A primeira consiste em reconhecer os limites dos ecossistemas, alterando a ideia de que o ser humano seria sempre capaz de

substituir recursos exauridos e reparar os danos causados pela produção e consumo. A segunda, refere-se a dar ênfase à inovação orientada à sustentabilidade, ou seja, voltada à obtenção de bens e serviços apoiados no uso cada vez mais inteligente e eficiente dos recursos naturais.

Na mesma linha, o Instituto Internacional para o Desenvolvimento Sustentável [IISD], (2014) coloca a economia verde como uma alternativa para alcançar o desenvolvimento sustentável e a erradicação da pobreza. Na sua visão, a economia verde responde a crises econômicas, sociais e financeiras globais realocando o capital natural, social e financeiro para criar benefícios para a economia; desenvolvimento, equidade social e proteção ambiental. Newton e Canterello (2014) concordam que a economia verde é tida como uma solução potencial para as atuais crises e para o desenvolvimento sustentável, cujas ações são visualizadas nos investimentos em tecnologia verde, energia renovável, eficiência de recursos e reciclagem de materiais, por exemplo.

Por sua vez, Guttman (2018), ao debater sobre a questão, indica o eco-capitalismo centrado nos objetivos do desenvolvimento sustentável da Agenda 2030 das Nações Unidas como um meio de enfrentar a ameaça sistêmica da mudança climática. Nessa concepção, o foco consiste na implementação de impostos de carbono para reduzir as emissões de gases de efeito estufa, em direção a uma economia de baixo carbono.

Em contrapartida à visão conciliatória restrita a um dos estudos selecionados, os trabalhos de Kendal (2008); Li (2009); Steinberg (2010); Singer (2010); Liodakis (2010); Haris (2010); Schweickart (2010); Baer (2016); James; Cato (2017); Brito (2017) e Euler (2018) afirmam a necessidade de uma ruptura total do sistema capitalista apontando novas direções para uma sociedade sustentável.

Os estudos de Kendal (2008); Steinberg (2010); Harris (2010) abordam sobre as limitações do capitalismo que se expressa sob forma “verde” ou “natural”, para atender a critérios sustentáveis, entretanto não estão seguros ao indicar qual o caminho de transição mais adequado. Steinberg (2010) argumenta que o liberalismo verde é apenas uma nova forma de estimular o consumo e manter a lógica do mercado de acumulação e não deixa de apresentar os mesmos problemas estruturais da ordem capitalista impeditivos para um caminho sustentável. Kendal (2008) aponta para o discurso persuasivo do capitalismo natural considerando sua capacidade de conceber uma sociedade sustentável, o que na prática não supera as contradições e as injustiças do sistema como a divisão das classes. Harris (2010) esclarece que, apesar de resolver de modo temporário os conflitos da questão ambiental o capitalismo verde, ao manter a necessidade de acumulação de capital, continua explorando o trabalhador e pensando a curto prazo, sendo necessário uma estratégia transformadora de luta pela justiça ambiental e social.

Sarkar (1999); Wallis (2010) e Smith (2016), corroborando com os autores supracitados, também consideram que os ingredientes do colapso ecológico são inerentes ao capitalismo e que qualquer forma de capitalismo verde não irá frear os atuais problemas ambientais e sociais. Wallis (2010) argumenta que ser verde significa priorizar a manutenção dos ecossistemas e isso implica reduzir a emissão de gases efeito estufa e preservar a biodiversidade. De outro lado, o capitalismo fomenta o crescimento e a acumulação tratando seres humanos e o meio ambiente como meros insumos. Assim, em sua visão, o capitalismo verde envolve noções inconciliáveis na prática, sendo necessária uma mudança radical para atingir patamares aceitáveis de sustentabilidade.

A necessidade de uma ruptura para uma sociedade pós-capitalista é tratada por Li (2009) e Baer (2016). Ambos assinalam que não é possível a superação das crises sociais e ambientais como o aquecimento global, diante dos princípios de crescimento e acumulação capitalista. Apesar de também não possuírem uma ideia esclarecida sobre qual será o sistema que deverá substituir o atual, entendem como fundamental a construção de uma sociedade baseada na democracia, paridade social, justiça e sustentabilidade ecológica, tornando a eficiência uma preocupação secundária. Ademais, Li (2009) aponta como possibilidades a criação de uma forma de controle social sobre o produto excedente e de propriedade social e comunitária dos meios de produção.

Diferentemente dos autores citados até então, James e Cato (2017), além de apontarem para as insuficiências do sistema capitalista em relação à sustentabilidade, descrevem uma alternativa aplicável em nível local e regional chamada economia biorregional. Os autores chamam a atenção para o fato de que uma economia capitalista, mesmo reformada, não pode ser sustentável, pois a ideia de acumulação desse sistema é responsável por danos socioeconômicos e ambientais como o aumento da exploração dos recursos naturais e mão-de-obra. A economia biorregional, baseada na produção por necessidade e no não acúmulo de capital, seria a chave para a criação de uma economia futura definida pela sustentabilidade e pela justiça social. As biorregiões, como tratam os autores, seriam entidades autossuficientes com economia centrada na necessidade e não no crescimento e os recursos locais não serviriam de base para a expropriação externa. Ferraz (2003) contribui nesse aspecto ao dizer que somente será possível desenvolvimento sustentável quando ocorrer a inversão da lógica de mercado para a lógica da suficiência.

Por sua vez, os trabalhos de Singer (2010) Liodaks (2010) e Schweickart (2010) convergem ao apontar que o modelo atual de capitalismo é problemático e sugerem como alternativa a transcendência para o ecossocialismo, um novo modelo de produção orientado por altos níveis de governança e abordagens democráticas e ecológicas que transformam a natureza sem se direcionar ao objetivo de acumulação (Kovel, 2007; 2014). De acordo com Schweickark (2010), nesse sistema os mercados de bens e serviços seriam reconfigurados. Os trabalhadores não receberiam salários e compartilhariam dos

lucros da empresa, o que levaria a eficiência e a não busca pela expansão, visto que esta resultaria em aumento da força de trabalho deixando a renda per capita inalterada. Além disso, outra possibilidade é tornar os processos mais eficientes em troca de maior tempo livre, o que não existe em uma empresa capitalista. Em relação aos mercados financeiros, eles seriam trazidos sob controle coletivo consciente e, ao invés de poupança privada, os governos poderiam gerar fundos para investimentos, por meio de impostos. Liodaks (2010) afirma ainda que a propriedade privada e a obsessão por crescimento geram uma exploração excessiva e destrutiva dos recursos naturais e humanos e essa alternativa seria responsável por eliminar a noção de propriedade privada, valor de troca e a divisão social do trabalho imposta pelo mercado. Só assim, na visão destes autores, seria possível alcançar um modo de vida ecologicamente sustentável e socialmente equitativo.

O estudo de Brito (2017) aborda outra dimensão da problemática voltando-se mais ao aspecto cultural e ético. Segundo o autor o capitalismo, devido ao seu modo exploratório de produção, tendo a exclusão social e manutenção das desigualdades como essencial para seu funcionamento, é incompatível com o desenvolvimento sustentável. E, devido a lógica do capitalismo ser sustentada pelo consumismo e imediatismo da própria sociedade, vê como necessário o pensamento bioético acerca dos problemas atuais, baseado na reflexão sobre o papel do ser humano no meio ambiente, suas interações com todos os seres vivos, buscando a noção de responsabilidade, solidariedade e consciência ambiental a fim de atingir um futuro humanitário sustentável.

Por fim, Euler (2018) aborda que o capitalismo é insustentável, visto que preza pela produção de valor sempre crescente e, baseando-se na obra de Elinor Ostrom (*governing the Commons, 1990*), sugere uma transformação social pautada nos bens comuns que transcendem voluntariedade, solidariedade, autonomia e satisfação das necessidades. O decrescimento também é priorizado e pode ser visto como um objetivo social e ecologicamente sustentável. Desta forma, destaca que a sobrevivência de cada indivíduo depende da sua relação com os outros, com a comunidade e com o meio ambiente.

Os discursos de transição, muito bem expostos por Escobar (2015) também são uma representação dessa visão crítica e radicalista sobre o capitalismo e a sustentabilidade aliado aos bens comuns e podem complementar essa ideia. Eles postulam uma profunda transformação paradigmática ou civilizacional diante das preocupações ecológicas com os limites naturais, causadas pela insustentabilidade do atual sistema produtivo. Dentre os exemplos, os discursos de transição de decrescimento do Norte podem ser resumidos na iniciativa da cidade de transição que contempla o revigoramento das comunidades para que se tornem mais autossuficientes, com infraestruturas de menor energia e ferramentas para reconstrução de ecossistemas. Em relação ao Sul global, uma alternativa de pós-desenvolvimento reside no Buen Vivir que

se refere a construção coletiva de uma nova forma de vida em harmonia com a natureza, possibilitando a subordinação dos objetivos econômicos aos critérios ecológicos, à dignidade humana e à justiça social.

Observa-se, portanto, que a discussão sobre a sustentabilidade do sistema atual é permeada por convergências e divergências que se amparam na justificativa de ser ou não possível um capitalismo orientado à preservação ambiental e benefícios sociais mútuos. Consta-se uma tendência para os discursos que requerem a ruptura atual do sistema capitalista, julgando-o como inconsistente e insuficiente para resolver as atuais crises globais. Várias são as alternativas apresentadas e o que fica claro, diante das consequências já visíveis da ação humana, é que a inércia não é uma opção.

## 5. CONCLUSÕES

Ao longo deste trabalho buscou-se analisar a relação entre a sustentabilidade e o capitalismo a fim de compreender se consistem em fatores antagônicos ou que podem ser conciliáveis. Foram levantados os principais estudos sobre a temática nos últimos 10 anos, por meio de uma revisão sistemática sendo, ao total, 12 artigos selecionados.

Nos resultados, apenas o estudo de Mathews (2010) apostou na conciliação entre a sustentabilidade e o capitalismo ao abordar a possibilidade deste último, coexistir com seus limites naturais a partir de uma economia verde. Dos 12 artigos selecionados, 11 descartam a opção de conformidade entre as temáticas, pautados na insustentabilidade da estrutura do sistema capitalista. Destes, alguns apenas apontam para a necessidade de ruptura da ordem vigente (Kendal, 2008; Steinberg, 2010; Harris, 2010), outros buscam sugerir alternativas mais concretas representadas pelo Pós-capitalismo (Li, 2009; Baer, 2016); Economia biorregional (James & Cato, 2017); Ecosocialismo (Singer, 2010; Liodaks, 2010; Schweickart, 2010); Bioética (Brito, 2017) e por uma transformação social pautada nos bens comuns (Euler, 2018).

Desta forma, observa-se uma tendência a noção de que o sistema capitalista, devido aos seus princípios baseados na divisão de classes, propriedade privada e na busca por crescimento constante e acumulação de capital, não é capaz de superar as injustiças sociais e a exploração excessiva e destrutiva dos recursos naturais. Nessa perspectiva, o capitalismo não condiz com conceito de sustentabilidade que preza por uma vida ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável.

Muitas são as evidências que indicam para a necessidade de mudança como o aquecimento global, escassez de água, poluição, extinção de espécies, exploração e desigualdades sociais. Vários caminhos são apontados como ideais e, a maioria, alternativos ao atual sistema capitalista. Entretanto, como, quando e se as mudanças ocorrerão, são questões enigmáticas que ainda persistem.

## REFERÊNCIAS

- Abramovay, R. (2012). *Muito além da economia verde*. São Paulo: Abril.
- Almeida, F. M. (2016). Tempo livre e consumo na sociedade capitalista. *Sinais*, 19(1), 87-107.
- Altenburg, T., & Pegels, A. (2012). Sustainability-oriented innovation systems: managing the green transformation. *Innovation and Development*, 2(1), 5-22.
- Apostolopoulou, E., & Adams, W. M. (2015). Neoliberal capitalism and conservation in the post-crisis era: the dialectics of “green” and “un-green” grabbing in greece and the UK. *Antipode*, 47(1), 15-35.
- Assadourian, E. (2013). Reconstruindo Culturas para Criar uma Civilização Sustentável. In: E. Assadourian & T. Prugh. *Estado do mundo 2013: Sustentabilidade ainda é possível?*. (J. L. R. Von Kostrisch, trad.). Salvador: Linda Starke (Obra original publicada em 2013).
- Baer, H. A. (2016). Climate change mitigation, environmental sustainability, and social parity: green capitalism or an alternative world system?. *Human Ecology* 44(1), 131-135.
- Barbieri, J. C., Vasconcelos, I. F. G., ANDREASSI, T., & VASCONCELOS, F. C. (2010). Inovação e sustentabilidade: novos modelos e proposições. *Revista de Administração de Empresas*, 50(2), 146-154.
- Barbosa, A., & Jereissati, T. (2017). 17 objetivos para transformar nosso mundo: os objetivos de desenvolvimento sustentável da agenda 2030 da ONU. *Panorama Setorial da Internet*, 9(1), 1-18.
- Bernal, E., Edgar, D., & Burnes, B. (2018) Building sustainability on deep values through mindfulness nurturing. *Ecological Economics*, 146(1), 645-657.
- Blackburn, W. R. (2007). *The sustainability handbook: the complete management guide to achieving social, economic and environmental responsibility*. Washington, DC: ELI Press.
- Boff, L. (2012). *Sustentabilidade: o que é, o que não é*. Petrópolis: Vozes.
- Bresser-Pereira, L. C. (2011). As duas fases da história e as fases do capitalismo. *Cadernos do FGV-EESP*, 278(1), 1-17.

Brito, N. B. V. (2017). Capitalismo, meio ambiente e bioética: é possível alcançar a sustentabilidade? *Revista Espaço Acadêmico*, 190(1), 136-149.

Butler, E. (2018). *An introduction to capitalism*. London: Institute of Economic Affairs.

Claro, P. B. O., Claro, D. P., & Amâncio, R. (2008). Entendendo o conceito de sustentabilidade nas organizações. *Revista de Administração da Universidade de São Paulo* 43(4), 289-300.

Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. (1991). *Nosso futuro comum*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

Comparato, F. K. (2011). Capitalismo: civilização e poder. *Estudos Avançados*, 25(72), 251-276.

Elkington, J. (1997). *Cannibals with forks: the triple bottom line of 21st century business*. United Kingdom: Capstone Publishing Limited.

Elkington, J. (2001). *Canibais com garfo e faca*. (P. M. Ramalho, trad.) São Paulo: Makron. (Obra original publicada em 1997).

Engelman, R. Além do blablablá da sustentabilidade (2013). In: E. Assadourian & T. Prugh. *Estado do mundo 2013: Sustentabilidade ainda é possível?*. (J. L. R. Von Kostrisch, trad.). Salvador: Linda Starke (Obra original publicada em 2013).

Escobar, A. (2015). Degrowth, postdevelopment, and transitions: a preliminary conversation. *Sustain Sci*, (Special Issue), 1-12.

Euler, J. (2018). The commons: a social form that allows for degrowth and sustainability. *Capitalism Nature Socialism*, 29(3), 1-18.

Favotto, A., Kollman, K., & Bernhagen, P. (2016). Engaging firms: the global organisational field for corporate social responsibility and national varieties of capitalism. *Policy and Society*, 35(1), 13-27.

Fehrnstrom, J. (2018). Capitalism, Socialism, and the Environment. *Uwire Text*.

Ferraz, J. M. G. (2003). As dimensões da sustentabilidade e seus indicadores. In: J. F., Marques, L. A., Skorupa, & J. M. G. Ferraz. *Indicadores de sustentabilidade em agroecossistemas*. Jaguariúna: Embrapa Meio Ambiente.

Fischer, D., Brettel, M., & Mauer, R. (2018). The three dimensions of sustainability: a delicate balancing act for entrepreneurs made more complex by stakeholder expectations. *Journal of Business Ethics*, 152(1), 1-20.

Froehlich, C. (2014). Sustentabilidade: dimensões e métodos de mensuração de resultados. *Desenvolve*, 3(2), 151-168.

Fuchs, C. (2017). Critical social theory and sustainable development: the role of class, capitalism and domination in a dialectical analysis of un/sustainability. *Sustainable Development*, 25(5), 1-16.

Galvão, T. F., & Pereira, M. G. (2014). Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 23(1), 183-184.

Giovannoni, E., & Fabietti, G. (2014). What is sustainability?: a review of the concept and its applications. In: C. Busco, M. L. Frigo, A. Riccaboni, & P. Quattrone. *Integrated Reporting*. Switzerland: Springer International Publishing.

Guttmann, R. (2018). *Eco-Capitalism: Carbon Money, Climate Finance, and Sustainable Development*. Basingstoke: Palgrave Macmillan

Hall P. A., & Soskice D. (2001). *Varieties of capitalism: the institutional foundations of comparative advantage*. Oxford University Press.

Harris, J. (2010) Going green to stay in the black: transnational capitalism and renewable energy. *Race & Class*, 52(2), 62-78.

Harvey, D. (1992). *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola.

Hawken, P., Lovins, A., & Lovins, H. (1999). *Natural Capitalism: Creating the Next Industrial Revolution*. Boston: Little, Brown.

International Institute for Sustainable Development. (2014). *Trade and green economy: a handbook*. Geneva, Switzerland: International Institute for Sustainable Development.

James, R. F., & Cato, M. S. (2017). A green post-capitalist alternative to a system of accumulation: a bioregional economy. *Capitalism Nature Socialism*, 28(4), 24-42.

Jason, H. (2018). Why growth can't be green: new data proves you can support capitalism or the environment--but it's hard to do both. *Foreign Policy*, 230(1), 14-15.



- Kendall, B. E. (2008). Personae and natural capitalism: negotiating politics and constituencies in a rhetoric of sustainability. *Environmental Communication*, 2(1), 59-77.
- Kovel, J. (2007). *The enemy of nature: the end of capitalism or the end of the world?* New York: Zed Books.
- Kovel, J. (2014). Ecosocialism as a human phenomenon. *Capitalism Nature Socialism*, 25(1), 10-23.
- Li, M. (2009). Capitalism, climate change and the transition to sustainability: alternative scenarios for the US, China and the world. *Development and Change*, 40(6), 1039-1061.
- Liodakis, G. (2010). Political economy, capitalism and sustainable development. *Sustainability*, 2(1), 2601-2616.
- Lorenzetti, D. H., Cruz, R. M., & Ricioli, S. (2008). Estratégia empresarial e sustentabilidade: um modelo integrador. *Revista da Pós-graduação: Administração*, 2(3), 33-57.
- Machado-Da-Silva, C. L., Fonseca, V. S. & Crubellate, J. M. (2005). Unlocking institutionalization process: insights for an institutionalizing approach. *BAR - Brazilian Administration Review*. 2(1), 1-20.
- Marx, K. (1982). *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: DIFEL.
- Mathews, J. A. (2011). Naturalizing capitalism: the next great transformation. *Futures*, 43(1), 868-879.
- Matutinovic, I., Salthe, S. N., & Ulanowicz, R. E. (2016). The mature stage of capitalist development: models, signs and policy. *Structural Change and Economic Dynamics*, 39(1), 17-30.
- Nascimento, E. P. (2012). Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico. *Estudos Avançados*, 74(26), 51-64.
- Newton, A. C., & Cantarello, E. (2014). *An introduction to the green economy: science, systems and sustainability*. Abingdon-on-thames: Routledge.
- Ostrom, E. (1990). *Governing the Commons: the evolution of institutions for collective action*. UK, Cambridge University Press.

- Pagani, R. N., Kovaleski, J. L. & Resende, L. M. (2015). Methodi Ordinatio: a proposed methodology to select and rank relevant scientific papers encompassing the impact factor, number of citation, and year of publication. *Scientometrics*, 105(1), 2109-2135.
- Patterson, R. (2010). A great dilemma generates another great transformation: incompatibility of capitalism and sustainable Environments. *Perspectives on Global Development and Technology*, 9(1), 74-83.
- Proni, M. W. (1997). História do capitalismo: uma visão panorâmica. *Cadernos do CESIT*, 25(1), 1-39.
- Sampaio, R. F., & Mancini, M. C. (2007). Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, 11(1), 83-89.
- Sarkar, S. (1999). *Eco-Socialism or Eco-Capitalism?: A critical analysis of humanity's fundamental choices*. London: Zed Books.
- Sartori, S., Latrônico, F., & Campos, L. M. S. (2014). Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: uma taxonomia no campo da literatura. *Ambiente e Sociedade*, 17(1), 1-22.
- Schweickart, D. (2010). Is sustainable capitalism possible? *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 41(1), 6739-6752.
- Singer, M. (2010). Eco-nomics: are the planet-unfriendly features of capitalism barriers to sustainability?. *Sustainability*, 2(1), 127-144.
- Smith, R. (2016). *Green Capitalism: The God that Failed*. London: College Publications.
- Steinberg, T. (2010). Can capitalism save the planet?: on the origins of green liberalism. *Radical History Review*, 107(1), 7-24.
- Tienhaara, K. (2014). Varieties of green capitalism: economy and environment in the wake of the global financial crisis. *Environmental Politics*, 23(2), 187-204.
- Vizeu, F., Meneghetti, F. K., & Seifert, R E. (2012). Por uma crítica ao conceito de desenvolvimento sustentável. *Cadernos Ebape*, 10(3), 569-583.
- Wallis, V. (2010). Beyond "Green Capitalism". *Monthly Review*, 61(9), 32-48.
- Wood, E. M. (2001). *A origem do capitalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.